

UMA ANÁLISE CRÍTICA DE DICIONÁRIOS ESCOLARES BILÍNGÜES INGLÊS-PORTUGUÊS ADOTADOS NO BRASIL*

Elaine T. ASSIRATI**

RESUMO

Mesmo sendo uma ferramenta de fundamental importância no processo ensino/aprendizagem da língua inglesa, os dicionários escolares bilíngües inglês-português, adotados no Brasil, estão longe de ser obras satisfatórias, tanto no que se refere à macroestrutura, como à microestrutura. As inadequações apresentadas pela grande maioria dessas obras podem comprometer seriamente o entendimento dos alunos brasileiros e dos consulentes em geral, aprendizes do inglês. Há, comumente, uma total ignorância sobre as questões lexicográficas por parte dos alunos, que não recebem orientação de seus professores sobre os conteúdos do dicionário. Este artigo pretende verificar as falhas apresentadas por três dicionários escolares bilíngües, focalizando aspectos lexicográficos tais como a equivalência, a definição, os exemplos e a gramática. Estabelece como parâmetro para uma comparação um dicionário monolíngüe inglês-inglês, cuja qualidade é comprovadamente excelente. Em cada verbete analisado, apresenta críticas e sugestões para o aperfeiçoamento dos pontos problemáticos, visando a um texto lexicográfico de melhor qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Lexicografia. Dicionários escolares bilíngües. Dicionários monolíngües. Língua inglesa.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata de um estudo na área da Lexicografia que, juntamente com a Lexicologia e a Terminologia, constituem os três ramos principais do saber que se ocupam do estudo das ciências do Léxico.

É oportuno lembrar que pesquisas sobre o Léxico vêm tendo um excepcional desenvolvimento nas últimas décadas, sobretudo na Europa. No Brasil, a partir da década de 1980 e, particularmente na década de 1990, a evolução dos estudos nessa área é notável, com as pesquisas deixando de ser pontuais para alcançarem dimensões nacionais. Biderman (1998).

Tal fato é de indiscutível relevância, dada a importância do Léxico no universo de uma determinada língua. Que o digam as palavras de Biderman "... o vocabulário exerce um papel crucial na veiculação do significado, que é, afinal de contas, o objeto da comunicação lingüística." (BIDERMAN, 1996:27) Por aí pode-se compreender o quão imprescindível e urgente é a realização de pesquisas que se ocupem do assunto em pauta.

* Parte de alguns capítulos de minha tese de doutorado, com as adaptações necessárias para este artigo. (Assirati, 2003)

** Faculdade de Tecnologia de Taquaritinga – FATEC –TQ. 15.900-000, Taquaritinga, SP, Brasil.

Faculdade de Educação São Luís. 14870-370 – Jaboticabal, SP, Brasil. eassirati@ig.com.br

Este artigo tem como objetivo central a análise de três dicionários escolares bilíngües inglês-português adotados no Brasil, buscando colaborar para o aperfeiçoamento dessa parcela da Lexicografia. São eles: *Pequeno Dicionário Michaelis* – **PDM**; *Dicionário Oxford Escolar para Estudantes Brasileiros de Inglês* – **DOE**; *Longman English Dictionary for Portuguese Speakers* – **LED**.

Segundo Biderman (1998), as características gerais dessas obras são: dicionário semasiológico (parte-se do significante para o significado), escolar, prescritivo e descritivo, com entradas em ordem alfabética e uma extensão que varia de média a padrão, a saber: de aproximadamente 25.000 a mais ou menos 50.000 verbetes. Optei pelos bilíngües acima mencionados por serem muito utilizados pelos meus alunos, cujo conhecimento de inglês varia do básico ao intermediário.

Decidi trabalhar com o sentido inglês-português, já que é o mais procurado pelos consultantes, sobretudo pelos meus estudantes, cujo objetivo primeiro é a decodificação da língua inglesa.

A pesquisa abarca igualmente um dicionário monolíngüe inglês-inglês, o *Oxford Advanced Learner's Dictionary of Current English* – **O**, que servirá de parâmetro para que possamos fazer comparações entre os verbetes. Este monolíngüe, que aborda o inglês britânico, foi escolhido pela sua excelente qualidade e tradição lexicográfica da editora em questão.

Tendo em vista a problemática concernente aos dicionários escolares bilíngües inglês-português, pretendo verificar e apontar as falhas que apresentam em alguns de seus verbetes, bem como propor sugestões para a solução dos problemas detectados, que certamente constituem uma barreira para aqueles que as consultam, sedentos do conhecimento que acreditam apenas o dicionário ser capaz de transmitir, uma vez que este é uma de suas principais ferramentas no aprendizado de língua estrangeira.

É bom termos sempre em mente que o propósito de um dicionário é ensinar, orientar e informar; cabe a ele a competência de esclarecer as dúvidas daqueles que o consultam, da melhor maneira possível, isto é, com clareza e precisão. Entretanto, o que tenho constatado ao pesquisar os dicionários, especialmente os escolares bilíngües que recomendo aos meus alunos no seu aprendizado da língua inglesa, não corresponde de maneira satisfatória a tal finalidade. Há muitas deficiências, tanto no nível da *macroestrutura*, ou nomenclatura (seqüência vertical de elementos, denominados lemas ou palavras-entrada, relacionados geralmente em ordem alfabética) quanto no nível da *microestrutura* (seqüência horizontal que apresenta as informações sobre as entradas, tais como a transcrição fonética, a categoria gramatical, bem como outras questões relativas à gramática, a definição ou palavra equivalente na outra língua, os exemplos e outros itens lexicais que compõem um verboete, como a fraseologia, etc). Dada a limitação de espaço que este trabalho impõe, me aterei somente a alguns elementos da microestrutura, para proceder à análise crítica dos verbetes.

Assim, considero duas as razões fundamentais que justificam a realização do presente estudo: o estado da arte da Lexicografia, especialmente bilíngüe, no nosso país, e nossa condição enquanto professores de língua inglesa.

1. O léxico e a lexicografia

O *léxico* é a base do imenso edifício da comunicação humana, onde estão alicerçados os conhecimen-

tos do homem a respeito do mundo que o cerca; em outras palavras, é um reflexo da conceptualização que um falante faz do seu mundo. Esses conhecimentos, que são o resultado dos sucessivos atos de cognição da realidade e categorização da experiência, cristalizam-se nas mentes em forma de signos lingüísticos, isto é, de palavras, possibilitando o processo da comunicação humana. No dizer de (BIDDERMAN, 1998:130), “O léxico pode ser considerado como o tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos lingüísticos e não-lingüísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso o léxico é o menos lingüístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o lingüístico e o extralingüístico.”

Para expressarem suas idéias sobre os fatos e as coisas, os falantes de uma determinada comunidade lingüística fazem uso do léxico, e dessa maneira o preservam para as gerações vindouras. Assim, em virtude de sua importância, o léxico constitui o ponto de partida para qualquer consideração no vasto campo do estudo do significado.

A lexicografia, por sua vez, é uma ciência, embora alguns a considerem uma arte, que se dedica ao estudo teórico e à prática da elaboração dos dicionários. Seu objetivo é a descrição do léxico de uma língua.

Nos dias atuais, em que o mundo é cada vez menor e sem fronteiras, em que os grandes avanços das ciências e das tecnologias acontecem num ritmo vertiginoso, e a comunicação é a grande ferramenta da humanidade, a lexicografia tem importância crucial para a sociedade humana, uma vez que nos propicia uma das obras mais relevantes no processo da educação e da comunicação: o dicionário.

Contudo, como já afirmamos, temos consciência de que há ainda muito a ser feito nesta área, no que diz respeito ao aperfeiçoamento do dicionário, especialmente no Brasil. Cabe aos lexicógrafos um melhor preparo para o enfrentamento da questão, observando mais acuradamente os princípios de uma teoria lingüística que a lexicografia envolve, para que possam exercer sua tarefa com maior profissionalismo, o que reforça a condição de que os nossos lexicógrafos são, de certa maneira, ainda autodidatas.

Apesar das dificuldades que permeiam a elaboração de um dicionário, dada a sua complexidade, a tarefa da lexicografia também possui o seu lado prazeroso, pois é apaixonante na medida em que permite ao lexicógrafo estar em contato com muitas e variadas áreas do saber.

Mas não é apenas o problema da falta de lexicógrafos especializados que nos preocupa. Além disso, devemos nos lembrar que, lamentavelmente, há um desconhecimento total a respeito dos conteúdos e possibilidades do dicionário, não só por parte dos alunos, como também dos professores em geral.

Ainda que pesem todas essas questões, aqui nos ateremos àquela que nos parece primordial: buscar um modelo de dicionário que se preocupe em sanar as carências e deficiências geralmente apresentadas, para que possa cumprir efetivamente sua função didática.

2. Análise crítica de alguns verbetes dos bilíngües escolares PDM, DOE e LED, e sugestões para o seu aperfeiçoamento

Gostaria, agora, de proceder à análise crítica de alguns verbetes dos bilíngües em foco, representados por palavras plenas (o verbo *live* e o substantivo *people*) e palavras instrumentais (o advérbio *ever* e o pronome *such*). Apresento minhas sugestões com a intenção de aperfeiçoar ou, ao menos minorar as deficiências detectadas. É importante recordar que tivemos como base de comparação o dicionário monolíngüe **O**.

Vamos então à análise e às sugestões.

• ever

PDM: “**ever** (...) adv. sempre, constantemente, eternamente. \cong **after**, \cong **afterwards**, \cong **since** desde então, depois que.”

Como podemos observar, a maneira como está definido o vocábulo em epígrafe (através de equivalentes) causa dificuldades ao aluno que vai proceder à tradução. Para evidenciar nossa crítica, tomemos como parâmetro o **O** para então tecermos melhor nossos comentários: “(...) **adv 1** (usu in negative sentences and questions, or sentences expressing doubt or condition; usu placed before the *v*) at any time: *Nothing ever happens in this place.* (...) **2** (with the perfect tenses in questions) at any time up to the present: *Have you ever been in a helicopter?* **3** (with comparatives (...)) **4 (a)** always: *Paul, ever the optimist, agreed to give it one last try.* (...)” (p.396). Assim, o **O** é muito claro e eficaz nas suas definições, apontando o uso de *ever* em diferentes tipos de sentença, exemplo que deveria ser seguido pelo **PDM**, sobretudo quando se trata de vocábulos como este, que suscitam no aluno muitas dúvidas e dificuldades, levando-se em conta seus diferentes usos nas frases. Este bilíngüe poderia, quando possível, reduzir o número de equivalentes similares em favor das definições, bem como fornecer exemplos e abordar questões gramaticais.

DOE: “**ever** (...) *adv* nunca, já: *Nothing ever happens in this place.* Nunca acontece nada neste lugar. (...)”

O bilíngüe acima comete um equívoco ao apresentar como equivalentes *nunca* e *já*, conforme indica a separação das acepções apenas por uma vírgula, e não por ponto-e-vírgula, o que indicaria diferentes acepções. Além disso, não demonstrando o uso de *ever* em sentenças interrogativas (com o sentido de *já*), faz com que os “equivalentes” apresentados sejam inúteis para os alunos e para o consulente em geral, já que esses não saberiam distinguir quando deveriam usar um ou outro. Desse modo, seria mais adequado apresentar um exemplo explicitando *ever* na interrogativa, por exemplo: *Have you ever been here?*, justificando o sentido de *já*.

Outro problema detectado é que o **DOE** não apresenta a acepção *sempre*, que ocorre em sentenças afirmativas. (cf. o exemplo do **O** acima demonstrado)

LED: “**ever** (...) *adv 1* (esp. in a negative sentence or a question) at any time: *Nobody ever writes to me. Have you ever been to Rome? If you ever go there, you must see St. Peter's.* [(na negativa) jamais; nunca; (na interrogativa) já; (na interrogativa e afirmativa) alguma vez] (...)”

Aqui constatamos uma preocupação com a gramática ao elaborar o verbete, apresentando o uso de *ever* nas sentenças afirmativa, interrogativa e negativa. Entretanto, há falha ao separar os equivalentes (sinônimos) *jamais / nunca* através do ponto-e-vírgula, quando deveriam vir separados apenas por vírgula.

• **live**

PDM: “**live** (...) adj. vivo, ativo, esperto, aceso. (...)”
 “**live** (...) v. viver, existir; substituir; morar, habitar. (...)”

Relativamente às equivalências, é curioso observar que este bilíngüe atribui ao verbo *live* a acepção *substituir*, que não encontramos no **O**. Além disso, tal acepção equivocada vem antes dos equivalentes **morar / habitar**, acepções de alta frequência que deveriam, portanto, vir primeiro.

Quanto à gramática, o **PDM** deveria incluir como informação gramatical a forma do verbo *live* na 3ª pessoa do singular do presente simples: *lives*, uma vez que é comum os alunos se esquecerem de conjugar corretamente o verbo em questão, em especial, no que diz respeito à 3ª pessoa do singular do presente simples.

DOE: “**live**¹ (...) ♦ *adj* **1** vivo **2** (bomba, etc) ativado (...)”
 “**live**² (...) *vi* **1** morar: *Where do you live?* Onde você mora? **2** (fig) permanecer vivo (...)”

Aqui sugerimos igualmente que seja incluída no verbete a informação gramatical relativa à 3ª pessoa do singular do presente simples, além de exemplos que contextualizem os diferentes sentidos do item lexical em epígrafe.

LED: “**live**¹ (...) to be alive; remain alive; not be dead: *She’s so ill that she may not live much longer.* [viver] **2** to have one’s home: *He lives in London.* [viver; morar] (...)”
 “**live**² (...) *adj* (...) **1** having life; not dead: *a live animal* [vivo]. (...) **2** (of explosives) not made safe; ready to explode [carregado] **3** (of wires, etc) charged with electricity; able to give an electric shock [carregado; eletrizado].”

O bilíngüe não apresenta a regência verbal de *live*¹, ao mencionar este verbo apenas como *v*. Em *live*², as acepções **2** e **3** não são acompanhadas de exemplo, o que pode prejudicar a compreensão do consulente.

• **people**

PDM: “**people** (...) s. povo m.; conjunto m. de habitantes de uma nação; nação, tribo, raça f.; gente f., público m.; multidão f. || v. povoar, tornar habitado; habitar.”

O que mais chama a atenção neste verbete é a falta da informação gramatical básica, relativa ao vocábulo em epígrafe: **people** é um substantivo plural.

Apesar de enumerar uma série de acepções para o vocábulo, o bilíngüe deixa de mencionar seu sentido mais freqüente: *peessoas* (que constitui a 1ª acepção do **O**, à p. 858: “persons”).

DOE: “**people** ♦ s1 [pl] gente: *People are saying that ...* (As pessoas estão dizendo que ...) **2** pessoas: *ten people* dez pessoas ▯ *Comparar com PERSON 3 the people* [pl] (*público*) o povo **4** (nação) povo (*apenas neste sentido é contável*) ♦ vt povoar.”

Verificando o verbete acima, há uma falha a ser apontada: na acepção **4**, ao afirmar que *people* é contável apenas no sentido de povo, nação, este bilíngüe se esquece de explicitar sua forma plural *peoples*.

Aqui, também, a acepção mais freqüente *peessoas* não foi incluída em primeiro lugar.

LED: “**people**¹ (...) *npl* persons in general: *The room was full of people. People matter more than machines. The government is elected by the people.* [pessoas; gente; povo].”

“**people**² *nc* a race or nation: *The Sweds are a fair-haired people. Peoples of the world – unite!* [povo; raça; nação].”

O **LED** atende às necessidades básicas do consulente, na medida em que explicita informações gramaticais importantes tais como *npl* (nome plural) e *nc* (nome contável), incluindo as acepções e os respectivos exemplos, além da tradução de cada acepção. Entretanto, verificamos também aqui que a primeira acepção não corresponde àquela do **O**, mas à segunda: “persons in general”. (p.858)

• **such**

PDM: **such** “(...) *adj.* desta maneira, deste mesmo modo ou grau; tal, de modo que; semelhante; tão grande, tão bom, tão mau; certo, certa, assim. ▯ *pron.* tal pessoa.”

Do modo como apresenta as acepções e os equivalentes, sem contextualizá-los através de exemplos ou explicá-los por meio de breves definições, esse bilíngüe não oferece ao aluno condições de escolher a acepção adequada ao seu contexto. Tomemos o **O** para podermos observar a clareza de seu verbete: “(...) *det 1 (a)* (referring back to sth specified earlier) of this type: *He noticed her necklace. Such jewels must have cost thousands, he thought.* **(b)** ~*sth as / that...* (referring forward to sb / sth) of the type to be specified: *Such a disaster as this had never happened to her before.* (...)”

Em relação aos equivalentes observamos que esse dicionário considera sinônimos os vocábulos *tão grande*, *tão bom*, *tão mau*, bem como *certo e assim*, o que obviamente não é correto. Assim, esses vocábulos não deveriam vir separados apenas por vírgula (de acordo com esses bilíngüe, na sua introdução, os sinônimos vêm separados por vírgula e as acepções diferentes, por ponto-e-vírgula), mas por ponto-e-vírgula.

Um outro ponto negativo é que não há informações gramaticais, a não ser a classe gramatical. (cf. **DOE**)

DOE: “**such** (...) *adj, pron 1* semelhante, tal: *Whatever gave you such an idea?* De onde você tirou tal idéia? ♦ *I did no such things!* Eu não fiz isso! ♦ *There’s no such things as ghosts.* Fantasmas não existem. **2** [uso enfático] tão, tanto: *I’m in such a hurry.* Estou com muita pressa. ♦ *We*

had such a wonderful time. Nós nos divertimos tanto! □ Such é utilizado com adjetivos que acompanham um substantivo e so com adjetivos desacompanhados. Compare os seguintes exemplos: The food was so good. ◇ We had such good food. (...)”

Para tornar mais claro o significado de **such**, o bilíngüe poderia ter oferecido mais acepções, por exemplo: *refere-se a algo especificado antes*. Para isso, bastaria omitir um dos três exemplos apresentados em 1, aproveitando o espaço ocupado por um deles.

Há, no entanto, um ponto que consideramos positivo: o **DOE** diferenciou o uso de *such* e *so*.

LED: “**such** (...)adj. 1 of that kind: *Animals such as sheep are easy to feed, because such animals eat grass. (...) 2 of a kind that produces a certain result: It was such a heavy box that I could not lift it. Its weight was such that I could not lift it.* [tão; tal; tanto].”

Aqui o problema é a maneira como este bilíngüe define **such**: tanto a definição 1 quanto a 2 não são suficientemente claras para o consulente e curiosamente diferentes daquelas apresentadas pelo **O** (cf. p. anterior)

CONCLUSÃO

O dicionário escolar bilíngüe, objeto de estudo neste trabalho, possui, sem dúvida alguma, a função de ferramenta imprescindível no processo ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira.

Contudo, a análise dos três bilíngües escolares **PDM**, **DOE** e **LED** informou-nos a respeito do seu conteúdo, revelando-nos que estão aquém das necessidades que os alunos possam ter.

Podemos afirmar que entre as três obras analisadas, a que apresenta deficiências mais sérias é o **PDM**, na medida em que contraria alguns dos princípios básicos da lexicografia, tais como: os equivalentes colocados lado a lado, sem qualquer exemplo que possa contextualizá-los, a informação gramatical escassa, limitando-se apenas à inclusão das classes gramaticais dos lemas e ao gênero das acepções e dos equivalentes, a omissão de acepções importantes, entre outros.

Em relação ao **DOE**, embora seja mais didático que o **PDM**, pois melhor responde às necessidades do consulente, apresenta igualmente falhas na sua estrutura, por exemplo: alguns equivalentes são imprecisos, e as definições breves, parecendo ser mera redução daquelas apresentadas no **O**, quando não omitidas. No entanto, este dicionário inclui exemplos com suas respectivas traduções (às vezes deixa de apresentá-los), e as informações gramaticais, mesmo contendo falhas, oferecem um auxílio significativo para aqueles que o consultam.

No que tange ao **LED**, por ser um dicionário semi-bilíngüe, difere-se dos demais, pois possui características tanto do monolíngüe, no que se refere às acepções, expressas por definições em inglês, quanto dos bilíngües, representadas pelos equivalentes/traduções. Apresentando falhas, no que concerne às definições, este bilíngüe nem sempre é claro e preciso, e chega a equivocar-se ao conferir a alguns sinônimos sentidos diferentes. Por outro lado, traz exemplos bem elaborados, embora inclua também apenas fragmentos de frases para contextualizar os itens lexicais e, às vezes, nem os inclui. Quanto às informações gramaticais, oferece um bom guia para consulta, explicitando detalhes relevantes, sem,

contudo, deixar de apresentar igualmente deficiências nesta área.

Enfim, constatamos que todas as obras analisadas possuem falhas, revelando que nossa lexicografia bilíngüe ainda está em fase inicial. Há, portanto, muito a ser feito nesta área, em prol de um texto lexicográfico de melhor qualidade, que possa atender efetivamente às necessidades dos alunos e consulentes em geral.

ABSTRACT

Although a tool of fundamental importance in the learning/teaching process of the English Language, the English-Portuguese bilingual school dictionaries, adopted in Brazil, are far from being satisfactory works, in both macrostructure and microstructure. The inadequacies in the majority of these books can have a negative impact on students and users. Generally speaking, there is a total ignorance of the lexicographic subjects by the students who do not receive their teachers' orientation on the contents of the dictionary. This paper tries to verify the flaws presented by three bilingual school dictionaries, focusing on lexicographic aspects including equivalence, definition, examples and grammar. It uses as a parameter a monolingual English-English dictionary of excellent quality. For each entry analysed, this paper offers criticism and suggestions for lexicographic improvement.

KEYWORDS: *Lexicography. Bilingual school dictionaries. Monolingual dictionary. English language.*

REFERÊNCIAS

- ALVES, Ieda M. & ANTUNES, Letizia Z. Dicionário básico italiano-português. In: **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia**. Campo Grande, UFMS, 125-128, 1998.
- ASSIRATI, Elaine T. *Uma análise crítica de dicionários escolares bilíngües inglês-português/português-inglês adotados no Brasil e o ensino de língua inglesa nas escolas brasileiras*. Araraquara, 2003, 269p. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Curso de pós-graduação em Letras. Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista – UNESP – Campus de Araraquara.
- BIDERMAN, Maria Tereza C. Léxico e vocabulário fundamental. In: **Alfa**. São Paulo, UNESP, v.40: 27-46, 1996.
- _____. Os dicionários na contemporaneidade: arquitetura, métodos e técnicas. In: **Alfa**. São Paulo: UNESP, v.42 (n.esp.): 129-142, 1998.
- _____. O estado da arte nas ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia. In: **Alfa**. São Paulo, UNESP, v.42 (n.esp.): 5, 1998. (Apresentação)
- DICIONÁRIO OXFORD ESCOLAR para estudantes brasileiros de inglês. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- DUVAL, A. Nature et valeur de la traduction dans les dictionnaires bilíngües. **Cahiers de Lexicologie**, Paris, 56-57, 1990.
- HERNÁNDEZ, Umberto. *Los diccionarios de orientación escolar: contribución al estudio de la lexicografía monolíngüe española*. Tübingen: Niemeyer, 1989. (Lexicographica: Series maior; 28).
- LONGMAN ENGLISH DICTIONARY FOR PORTUGUESE SPEAKERS. Rio de Janeiro: Longman & Editora ao Livro Técnico, 2000.
- MICHAELIS Pequeno Dicionário inglês-português/português-inglês. São Paulo: Melhoramentos,

2000.

OXFORD Advanced Learner's Dictionary of Current English. 5. ed. Oxford, Oxford University Press, 1995.

REY-DEBOVE, J. Léxico e dicionário. In: **Alfa**. São Paulo:UNESP, v.28 (supl.): 45-69, 1984.

WERNER, Reinhold. La definición lexicográfica. In: HAENSCH, G. *et al.* **La lexicografía**: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Gredos, p.259-328, 1982.